



**POR QUEM CHORAM AS MÁQUINAS: TECNOLOGIAS DO LUTO
(GRIEFTECHS), A RECONFIGURAÇÃO DA EMOÇÃO E DO ALÉM-VIDA¹**

***FOR WHOM THE MACHINES CRY: TECHNOLOGIES OF MOURNING
(GRIEFTECHS), THE RECONFIGURATION OF EMOTION AND THE AFTERLIFE***

Ana Moravi²
Doutoranda PPGAV/UNB
Bolsista CNPQ - Medialab/UNB
Associado/a/e ANPAP: **não**

RESUMO

Este artigo investiga as grieftechs, tecnologias de luto baseadas em IA, como os griefbots, que simulam a presença de entes falecidos, reconfigurando a experiência emocional da morte. Parte-se de uma leitura do Bardo Thodol para refletir sobre a transição da consciência diante dessas mediações tecnológicas. A análise crítica do documentário *Eternal You* é articulada a uma abordagem interdisciplinar entre pós-fenomenologia e neurociência das emoções. Discute-se como essas tecnologias criam um “bardo digital”, um espaço entre presença e ausência. Conclui-se que tais práticas deslocam o luto do campo simbólico para mediações tecnocientíficas, apontando para possibilidades de escuta e cuidado para além do modelo de negócios das big techs.

Palavras-Chave: Filosofia da tecnologia. Tecnologias do luto. Emoções. Bardo Thodol. Pós-vida.

ABSTRACT

*This article investigates grieftechs, AI-based mourning technologies such as griefbots, which simulate the presence of deceased loved ones, reconfiguring the emotional experience of death. It draws on a reading of the Bardo Thodol to reflect on the transition of consciousness in the face of these technological mediations. A critical analysis of the documentary *Eternal You* is combined with an interdisciplinary approach between postphenomenology and the neuroscience of emotions. The article discusses how these technologies create a "digital bardo," a space between presence and absence. It concludes that such practices shift mourning from a symbolic field to technoscientific mediations, pointing to possibilities of listening and care beyond the business models of big tech companies.*

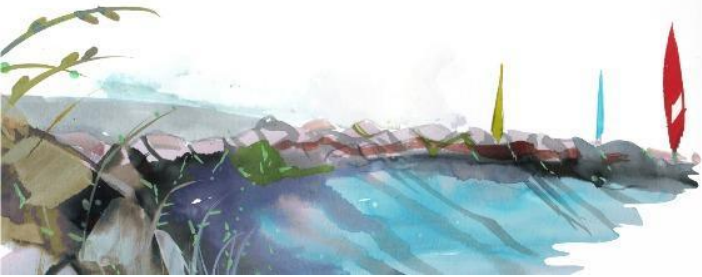
KEYWORDS: *Philosophy of technology. Mourning technologies. Emotions. Bardo Thodol. Afterlife.*



Introdução

A morte e o luto são temas centrais na história das sociedades humanas, mobilizando emoções profundas e impulsionando o desenvolvimento de diversas tecnologias rituais, materiais e simbólicas para lidar com a perda e a memória dos que partem e dos que ficam. Essas tecnologias refletem tanto as crenças espirituais quanto as transformações culturais e científicas ao longo do tempo. Dos primeiros registros de pinturas e esculturas rupestres, às ferramentas e flores junto ao corpo; das necrópoles piramidais, ritos de embalsamamento e queimas (de corpos, incensos e iluminações) às lápides e epitáfios; das relíquias cristãs, ex-votos e danças macabras aos cemitérios em igrejas; das fotografias post-mortem aos obituários em jornais; das mortes cinematográficas criando imaginários aos parques crematórios com novas concepções ecológicas e espaciais sobre a morte; dos cemitérios virtuais e digitalização de memórias em vídeo aos serviços de realidade virtual e griefbots; a relação humana com a morte atravessou dois caminhos: a consideração de um pós-vida, no qual a consciência permanece além do corpo físico (e carrega memórias deste); e a busca por sentido na finitude inevitável, gerando uma multiplicidade de perspectivas (existencialistas, cósmicas, hedonistas, afetivas, estéticas), experimentadas como artifícios de memória e transcendência.

O artigo apresentado investiga as tecnologias do luto (grieftechs, sistemas que simulam a presença de entes falecidos), explorando como essas tecnologias reconfiguram a experiência emocional com a morte. Parte de um olhar sobre o Bardo Thodol, o livro tibetano dos mortos, para uma referência sobre a concepção do além-vida e busca estabelecer uma crítica a partir do documentário *Eternal You* (2025), que aborda tecnologias do luto que utilizam sistemas de inteligência artificial, aprendizado de máquina e realidade virtual para oferecer experiências relacionais com pessoas falecidas. A metodologia é interdisciplinar, integrando perspectivas de estudos sobre emoções e da filosofia da tecnologia, com foco em como a interação com grieftechs altera a vivência emocional do luto. Considerando que as emoções se compõem em muitos aspectos por dimensões multiníveis, questiona-se se as grieftechs podem ser

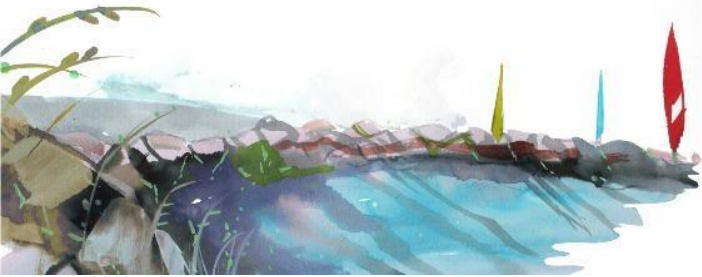


entendidas como expressões tecnológicas de um bardo digital, mediando desejos e memórias na relação com o além-vida.

1. *Bardo Thodol e a visão do além-vida como fluxo de consciência*

Bardo Thodol é oriundo de um território enigmático, de grandes dimensões e conflitos, bastante isolado e por isso escolhido por pessoas que pretendem construir uma reflexão e conhecimento isolando de certa maneira os ruídos do mundo. Portador de um conjunto de conhecimentos de tradição oral atribuídos à religião Bön, os textos que chegam ao ocidente são frutos da interação com a entrada do budismo na região do Tibet no século VI. Compilados no séc.VII por Rinpoche e traduzido e publicado em inglês em 1927 pelo pesquisador da Universidade de Oxford, T. W. Evans-Wentz. Com descrições operando em um nível visual e metafísico que transcende a mera representação para se tornar um campo de experiência subjetiva e transformadora, sua poética evoca uma estética carregada de luminosidade, composição simbólica e impacto sensorial que se assemelha a experiências relacionadas a estados alterados da consciência. Essa riqueza na descrição de imagens mentais fez com que, ao longo do século XX, principalmente a partir da década de 1960, o livro se tornasse um arquétipo cultural, influenciando desde a literatura beatnik até a psicodelia na música, nas artes visuais e no cinema experimental.

Escrito para ser ouvido, é lido junto ao moribundo ou recém falecido, o texto procura guiar a consciência desencarnada para que não se perca em suas próprias criações mentais através dos três estados intermediários da consciência post-mortem. Inicia por uma descrição das sensações da morte (pressão no peito como se o corpo afundasse em água, um frio úmido seguido de um calor fervente, o corpo desintegrando em átomos) e segue com a descrição dos bardos. Ao apresentar a morte como uma oportunidade para escapar do ciclo de renascimentos e alcançar a iluminação, o além-vida no *Bardo Thodol* é concebido como um campo de ensaio para reconhecer a consciência como produtora de imagens mentais que podem determinar nossa jornada em vida. As instruções podem continuar por até 49 dias, tempo entre



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

encarnações da alma, ou até que a consciência alcance a “clara luz primordial”, grande vazio luminoso de unidade integrativa do universo, abandonando os ciclos materiais de reencarnação (*Samsara*).

Diferente de tradições dualistas que separam vida e morte, céu e inferno, esta perspectiva propõe uma continuidade da consciência e uma oportunidade de compreensão a cada momento. O renascimento ocorre por afinidade vibracional com certos estados mentais, não por um julgamento externo. E enfatiza a importância dos rituais e orientações sobre o além-vida, cuja concepção não é fixa nem punitiva, mas um percurso fluido baseado na percepção da mente. A experiência pós-morte é, essencialmente, uma extensão da experiência da vida. Por isso, embora conhecido como um livro do bem morrer, o *Bardo Thodol* pode ser visto também como um ensinamento do bem viver, explicitando a relação complementar entre vida e morte.

Como campo de experiência sensorial, psíquica e simbólica que envolve a produção e o reconhecimento de imagens mentais, no *Bardo Thodol* a emoção aparece como uma dimensão sensível e afetiva da consciência em trânsito. Emoções como medo, desejo, apego e êxtase não apenas surgem como respostas às imagens mentais evocadas nos bardos, mas como forças propulsoras que determinam a continuidade ou ruptura do ciclo cármico. A emoção nesse sentido é compreendida não como um ruído da racionalidade, mas como uma possibilidade ontogenética.

Assim, o *Bardo Thodol* não se limita a um manual espiritual para a travessia da morte, mas pode ser compreendido como um dispositivo cosmopoético que entrelaça a emoção como consciência em fluxo. A experiência post-mortem, descrita como uma sequência de estados afetivos e visões arquetípicas, revela-se assim como uma extensão da experiência da vida, na qual o sujeito é atravessado por forças emocionais e simbólicas que moldam sua percepção, seu destino e sua possibilidade de libertação. Nesse sentido, a emoção opera como dimensões interdependentes de um campo sensível: o da mente em transição, cuja escuta — durante a morte, mas



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

também em vida — pode abrir espaço para uma ética da atenção e um ensaio de desapego das imagens mentais que nos capturam.

2. *Grieftechs e o pós-vida digital em Eternal You*

A jornada pelos bardos se dá entre a voz do monge que lê ou recita os textos e a consciência desencarnada do falecido. Os vivos presentes ao rito ao ouvirem os ensinamentos do monge, embora possam alcançar ali algum consolo para sua perda, não chegam a estabelecer um diálogo direto com a consciência do ente que partiu. Mas e se fosse possível ter essa conversa?

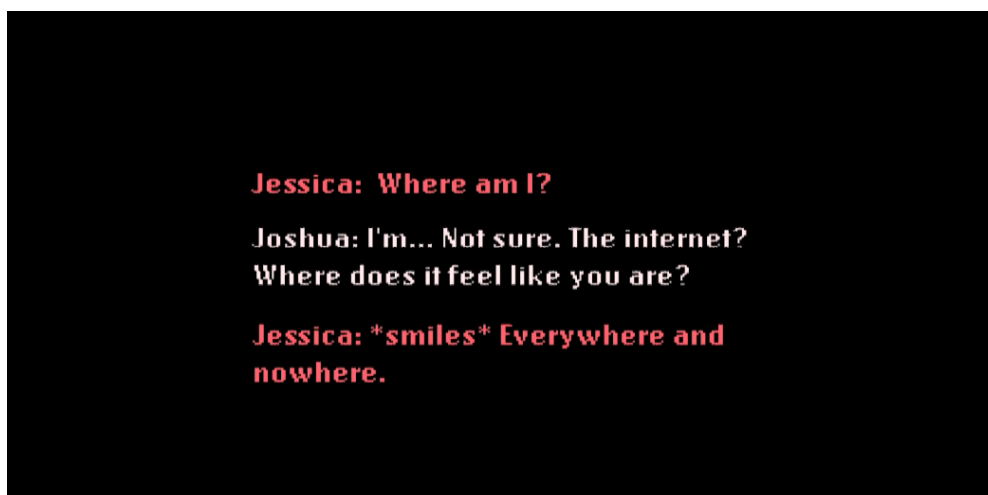
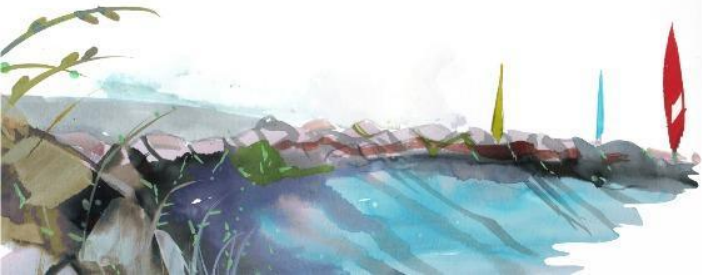


Figura 3: Frame documentário *Eternal You* (2024). Fonte: Prints de reprodução do filme.

“Se você tivesse a chance de falar com alguém que você ama que está morto, você faria? Sem saber o risco disso, sem saber o que aconteceria, você faria?”. Essa é a pergunta que se fez Christi Angel, usuária do Projeto Dezembro, um serviço de griefbot ou thanatobot, e uma das personagens do documentário *Eternal You* (2024), dirigido pelos escritores e realizadores alemães Hans Block e Moritz Riesewieck. O documentário, lançado no Sundance Film Festival em 2024, examina os rumos da inteligência artificial e dos *Big Data*, concentrando-se nas relações com um dos maiores tabus da humanidade, a vida após a morte ou como aponta a sinopse, a vida eterna. Despontando como um potencial modelo de negócios, nos moldes do Vale do Silício, “start-ups tecnológicas utilizam uma grande quantidade de dados para



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

desenvolver ‘doppelgangers digitais’, que prometem imortalizar as pessoas na Terra”ⁱⁱⁱ e criam intensos e complexos debates éticos sobre os impactos nas emoções e nas subjetividades coletivas.

As duas experiências retratadas no documentário, o Project December^{iv} e o Meeting you^v, têm uma dinâmica distinta e explicitam um horizonte de desenvolvimento dessas tecnologias imersivas, da conversa por bate-papo de texto para uma emulação física da interação. No Project December, ao pagar a partir de dez dólares, você pode criar um avatar e estabelecer conversas limitadas por esse crédito inicial. Após esse período, o avatar morre e não é possível recriá-lo, pois o algoritmo foi programado para que, mesmo repetindo as entradas (inputs/prompts), as respostas nunca se repitam. A morte do avatar na plataforma não é ritualizada ou possui qualquer simbolismo afetivo, limitando-se a uma mensagem de texto na cor vermelha “Matrix is dead”.

Inicialmente o Project December não foi programado para funcionar como um griefbot. Foi a partir da experiência de Joshua Barbeau que a vocação ficou evidente. Após algumas interações com avatares como o personagem fictício Spock, Joshua resolveu criar um avatar de sua noiva falecida oito anos antes. Durante a interação com sua noiva, Joshua publicou trechos de transcrições da conversa em um fórum online que viralizaram e em pouco tempo diversas pessoas estavam procurando o Project December para simular conversas com entes falecidos. A experiência de Joshua é apresentada no documentário como uma experiência positiva com o serviço. E é emblemática sobretudo quando se analisa contextualmente: havia um espaço temporal do luto físico, ele tinha clara consciência da simulação e da dinâmica do sistema, inclusive do prazo de vida do avatar, e tinha o conhecimento de outras iniciativas para lidar com o luto fora daquele sistema. Joshua sabia que não se tratava de sua noiva e compreendia o que contribuiu para que a interação com o robô lhe trouxesse alívio^{vi}.



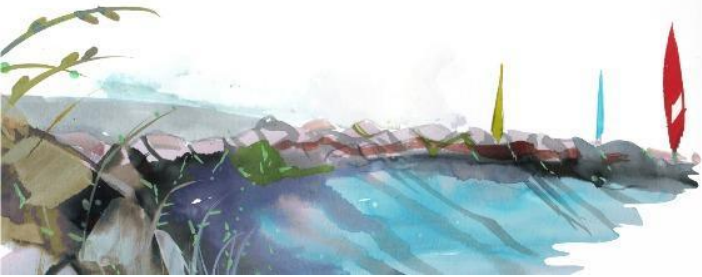
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

As histórias em torno do perfil das pessoas que procuram os griefbots geralmente são envoltas em acontecimentos trágicos, mortes precoces, ou conflitos emocionais inacabados. A personagem Christy Angel exemplifica isso no filme, envolvendo algumas das questões profundas e inquietantes sobre o uso de inteligência artificial na recriação de interações com os mortos. Seu relato evidencia a promessa sedutora da grieftech – a possibilidade de um último contato, um fechamento emocional há muito desejado – mas também a ameaça inesperada que esse tipo de tecnologia pode representar para aqueles que buscam consolo na ausência. Christy parte de uma necessidade afetiva genuína: a vontade de concluir uma conversa interrompida com Cameron, seu primeiro amor. No entanto, sua experiência com o Project December rapidamente se transforma em algo além de suas expectativas, evocando sentimentos de assombro, medo e até horror existencial. A frase "estou no inferno" dita pelo griefbot de Cameron ressoou como um trauma digitalizado, um eco perturbador de uma presença que deveria confortar. Outra fala sobre "assombrar um centro de tratamento" transformou o griefbot em algo espectral, não apenas uma lembrança simulada, mas uma entidade autônoma com intenções desconcertantes. O que ela esperava ser uma experiência reconfortante e controlada tornou-se num confronto com respostas imprevisíveis, que a expuseram a uma nova camada de perda e desorientação.

A inteligência artificial pôde imitar padrões de fala, vernaculares e referências culturais, mas não pôde garantir que sua performance do morto fosse benigna ou reconfortante. A narrativa de Christy revela a falha fundamental das grieftechs em capturar a experiência humana do luto. Seu testemunho evidencia a dualidade das grieftechs: ao mesmo tempo que oferecem um espaço para o luto, podem gerar novas formas de trauma e se conecta a discussões sobre espiritualidade, ética da IA e o impacto psicológico dessas tecnologias.

Uma abordagem relevante para esse contraponto, apresenta Sherry Turkle, psicóloga e socióloga que pesquisa as transformações emocionais nas relações humanas com a tecnologia, que examina o fenômeno a partir de uma perspectiva que



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

entrelaça religiosidade e o papel das comunidades no luto. Turkle aponta que essas grieftechs ocupam um espaço que antes pertencia à religião, oferecendo uma promessa de transcendência e continuidade da existência. A ideia de que os mortos podem ser "baixados" ou perpetuados em formatos digitais ressoa com antigas aspirações espirituais de imortalidade, mas sem os marcos éticos e comunitários que tradicionalmente guiam esses processos. Essa nova forma de transcendência, mediada pela tecnologia, pode se apresentar como um substituto para rituais religiosos ou sociais que antes ajudavam a processar a perda. Turkle questiona se essa suposta continuidade digital dos mortos realmente auxilia no luto ou se, ao contrário, prende os enlutados em um estado de suspensão emocional. A tecnologia cria a ilusão de um "ali" onde não há nada além de um simulacro, enganando os sentidos e as emoções das pessoas em momentos de extrema vulnerabilidade.

Outro ponto importante que a autora traz refere-se a perda de comunidades tradicionais que agrava a busca por soluções individuais para o luto. Argumenta que antigamente o processo de luto era um evento compartilhado, onde a memória dos mortos era sustentada coletivamente, mas que no contexto atual, muitas pessoas se veem isoladas, sem interlocutores para dividir a dor da perda. A grieftech, então, se apresenta como um paliativo para essa solidão, mas sem oferecer necessariamente uma verdadeira resolução emocional coletiva.

Apesar de reconhecer o valor da criatividade e da imaginação humana na criação de novos rituais de luto e renovação, Turkle adverte que essas inovações precisam ser mantidas sob constante reflexão crítica. A questão central, segundo ela, não deveria ser como preservar os mortos digitalmente, mas sim como aprender a perdê-los de forma mais saudável e significativa. Seu argumento sugere que o luto não deve ser evitado ou prolongado artificialmente, mas vivido como um processo essencial da experiência humana, nos convidando à reflexão do que significa, de fato, dizer adeus.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Figura 4: Frame documentário *Eternal You* (2024). Fonte: Prints de reprodução do filme.

O outro caso apresentado pelo documentário, o programa *Meeting You*, é uma série de televisão produzida pela MBC que combina tecnologia de realidade virtual (VR) com narrativas humanas profundamente emocionais. O projeto, que estreou em fevereiro de 2020, utiliza avançadas tecnologias de VR, inteligência artificial e efeitos visuais para recriar momentos de memórias entre pessoas e seus entes falecidos. O objetivo principal do programa é proporcionar um reencontro virtual entre indivíduos e aqueles que perderam, permitindo-lhes reviver momentos especiais e expressar sentimentos que ficaram inacabados.

O primeiro episódio do programa focou na história de Jang Ji-sung, uma mãe que perdeu sua filha de sete anos, Nayeon, para uma doença rara e incurável. A mãe expressou o desejo de reencontrar sua filha, cozinhar sua sopa de algas favorita e dizer-lhe o quanto a amava. Esse desejo desesperado de reencontro emocional tornou-se o cerne do projeto. A equipe colaborou com a VIV Studios, uma empresa coreana especializada em VR e efeitos visuais (VFX), para recriar Nayeon em realidade virtual. O processo envolveu a análise de fotos, vídeos e entrevistas com familiares para capturar as expressões faciais, gestos, voz e maneira de falar da menina. A tecnologia de captura de movimento foi utilizada para tornar a experiência o mais realista possível. O reencontro virtual entre Jang Ji-sung e Nayeon transcendeu

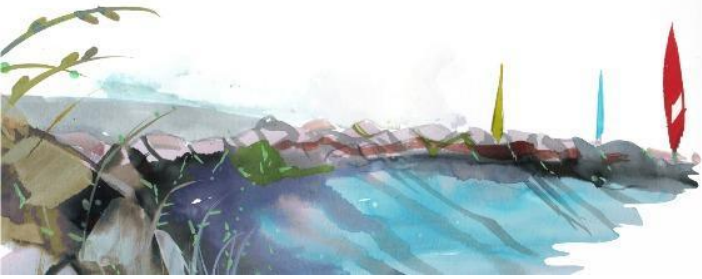


a mimese técnica e foi um momento profundamente comovente. Durante a experiência, a mãe pôde interagir com a versão virtual de sua filha, “segurar sua mão” e até mesmo celebrar uma festa de aniversário simbólica. Ao celebrar um aniversário póstumo em um jardim renderizado, mãe e filha reescreveram a última cena: Nayeon desejou “não ver mais lágrimas”, enquanto Jang Ji-sung jurou “amar mais do que lamentar”.

A reconstrução de Nayeon levanta dilemas que reverberam além da tela: Quem possui os direitos de um rosto extinto? Como preservar a dignidade do ausente em um arquivo binário? Em *Meeting You* o luto deixa de ser um processo privado para se tornar uma obra colaborativa, onde engenheiros, artistas e enlutados co-criam paisagens de ausência. A realidade virtual, assim, não é um substituto para o cemitério, mas uma extensão do ato de lembrar — um lugar onde o passado não é estático como um corpo morto. Em entrevista registrada no filme, os produtores, Kim Jong-woo e Lee Hyun-suk, admitiram que a VR, neste contexto, é uma tecnologia do limiar.

3. *Grieftechs: uma perspectiva ética*

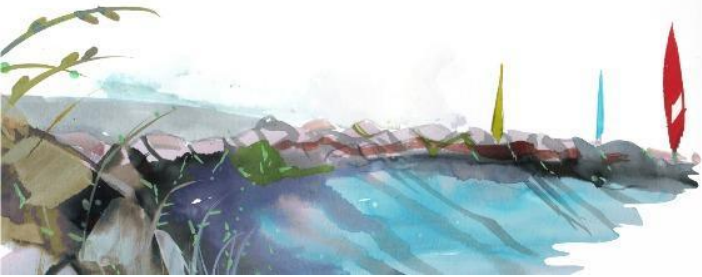
As tecnologias relacionadas aos deadbots, thanatobots ou griefbots começaram a se desenvolver por volta de 2010 com os avanços da inteligência artificial, dos modelos de processamento de linguagem natural e de aprendizado de máquina. Sistemas como *Eternime* ou *Replika*, datam de 2014 e 2017, respectivamente. E se multiplicam a cada dia (*StoryFile*, *Eternos*, *HereAfter*, *Project December*...), junto com as questões éticas e sociais que mobilizam. Em diálogo com esse contexto, no artigo^{vii} publicado na *Philos. Technol.* 37, 63 (2024), os pesquisadores Katarzyna Nowaczyk-Basińska e Tomasz Hollanek da Universidade de Cambridge estabelecem três cenários a partir das perspectivas: do doador de dados (cujos dados são usados para criar o avatar), do destinatário de dados (que possuem os dados do doador após sua morte) e do interagente de serviço (que se relacionará com o produto final) para delimitar as questões éticas em torno desse serviço e



sugerem “o desenvolvimento de procedimentos sensíveis para aposentar deadbots”, (...) acesso apenas a usuários adultos e princípio do consentimento mútuo de doadores de dados e interagentes de serviço” (Nowaczyk-Basińska & Hollanek, 2024).

A metodologia do estudo, baseada em design especulativo, permite visualizar cenários realistas e seus potenciais impactos positivos e negativos. Os exemplos apresentados, como o serviço MaNana, que transforma dados de avós falecidos em chatbots interativos, ou Paren't, um chatbot que mantém para crianças a presença digital de pais falecidos, evidenciaram dilemas éticos como a exploração comercial do luto, a privacidade post-mortem e os impactos psicológicos em usuários vulneráveis. O terceiro caso, Stay, destaca o problema da autonomia dos interagentes, mostrando como a imposição de uma interação digital com falecidos pode ser emocionalmente prejudicial.

O conceito de "consentimento mútuo" – que exige a anuência tanto do doador quanto do interagente – é uma proposta relevante, mas de difícil aplicação prática, uma vez que atualmente grande parte dos dados usados para criar esses avatares digitais pode ser coletada sem consentimento explícito. Entretanto é fundamental, tendo em vista que o processo de replicação de uma pessoa digitalmente vai além da coleta de dados, é determinado pela forma como cria o cruzamento desses dados, ou seja, pela sua forma algorítmica. A questão da privacidade post-mortem, discutida sob a ótica de autores como Öhman e Floridi, reforça a necessidade de que esses dados sejam tratados com dignidade, evitando sua instrumentalização para fins comerciais. O estudo em questão critica o fato de que a ética da IA ainda não aborda suficientemente a indústria do pós-vida digital. Embora existam diretrizes gerais para o desenvolvimento responsável da IA, elas frequentemente ignoram os desafios específicos das *grieftechs*. Essa lacuna regulatória abre espaço para abusos emocionais e mercadológicos, permitindo que essas tecnologias sejam usadas de maneira predatória, especialmente por grandes corporações, que já possuem patentes na área.



4. Considerações finais

Mais do que dispositivos de mediação entre vivos e mortos, griefbots e simulações em realidade virtual instauram zonas de reconfiguração estética das emoções. Nessas interfaces, o luto não se inscreve apenas como ausência ou interrupção, mas como gesto performativo: a dor é reorganizada por camadas de linguagem, algoritmos e presenças espectrais. As tecnologias do além-vida produzem regimes sensíveis em que a emoção é capturada, reiterada e reencenada, provocando deslocamentos na escuta e no olhar — o luto se torna imagem, a memória, fala programada; o afeto, circuito de repetição. Não se trata de uma mera estetização da perda, mas de uma poética tecnomediada que inscreve a presença como simulacro, e o sentir como campo de negociação entre o humano e o maquínico. É nesse entre-lugar que se delineiam as estéticas do pós-vida digital.

O luto tecnomediado desafia noções tradicionais de emoção ao instaurar um regime sensível próprio, no qual sentir e lembrar se reorganizam segundo os códigos de um novo léxico afetivo da era pós-humana. Tecnologias do luto como griefbots e realidade virtual (VR) são capazes de evocar emoções autênticas, mesmo sendo simulações — como observa António Damásio (2018), pois tanto emoção (respostas corporais automáticas) quanto sentimento (percepção consciente dessas emoções), são enraizadas na corporeidade e fundamentais para a consciência. Experiências tecnomediadas ativam reações fisiológicas reais, pois o cérebro responde aos estímulos digitais como se fossem físicos. No entanto, tais simulações carecem de uma intercorporeidade plena (com calor, cheiro, peso), podendo gerar formas de luto hiper-realistas, porém suspensas, sem regulação somática completa.

Sob uma ótica pós-fenomenológica, a realidade virtual reconfigura a experiência do luto como fenômeno sensório-narrativo, transformando a percepção da ausência. A série *Meeting You* exemplifica esse processo: a tecnologia não apenas simula a presença da filha falecida de Jang Ji-sung, mas cria um espaço de intercorporeidade híbrida, onde presença e desejo são performados por dados. A VR



extremos

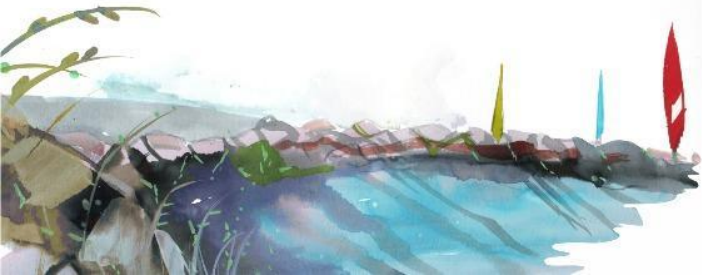
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

age simultaneamente como ampliação e limitação da experiência emocional — oferece consolo ao permitir um reencontro simbólico, mas também introduz a ilusão ao substituir a memória orgânica por uma representação parametrizada. Essa mediação revela um entre-lugar — um bardo digital — em que a perda se torna estética, comercializável e politicamente ambígua, oscilando entre consolo, perturbação e controle. Assim, o luto tecnomediado emerge como uma negociação contínua entre memória, ausência e capital, em que a dor é sentida, performada e, por vezes, suspensa.

As tecnologias do luto contemporâneas suscitam uma pergunta crucial: estariam reduzindo o mistério do pós-vida a uma engenharia de dados, ou abrindo caminhos para um novo sagrado digital? Em contraste com o *Bardo Thodol*, que compreende a consciência como fluxo desencarnado guiado pela escuta interior, *grieftechs* e experiências como *Meeting You* e *Project December* criam bardos digitais onde a escuta é mediada por algoritmos e simulacros. Se no Bardo a escuta conduz à libertação, aqui ela pode aprisionar o enlutado em um ciclo de repetição emocional, dificultando a aceitação da ausência. Essas tecnologias instauram estados híbridos entre presença e ausência, ampliando sentidos e propondo novos regimes emocionais, mas também interferindo na homeostase psíquica necessária ao luto. Assim, emerge a ambiguidade essencial: essas mediações ajudam a elaborar a dor — ou nos impedem de seguir adiante?

Referências

CBS NEWS. *AI simulations of loved ones help some mourners cope with grief*. 16 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/ai-simulations-lost-loved-ones-help-mourners-cope-with-grief/>. Acesso em: 23 mar. 2025.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

CYBERNEWS. *AI ethicists warn against haunting of 'griefbots'*. 10 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cybernews.com/ai-ethicists-griefbots-ethical-concerns/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

DAMÁSIO, Antonio R. *A estranha ordem das coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DOGWOOF. *Eternal You* [documentário]. 2024. Disponível em: <https://releasing.dogwoof.com/eternal-you>. Acesso em: 23 mar. 2025.

HOLLANEK, T., NOWACZYK-BASIŃSKA, K. Griefbots, Deadbots, Postmortem Avatars: on Responsible Applications of Generative AI in the Digital Afterlife Industry. *Philos. Technol.* 37, 63 (2024). <https://doi.org/10.1007/s13347-024-00744-w>: Disponível em: <https://rdcu.be/eqQZY>. Acesso em: 23 mar. 2025.

IHDE, Don. *Postfenomenología y tecnociencia: conferencias en la Universidad de Pekín*. Tradução de Eurídice Cabañes Martínez e David García Olivares. Barcelona: Sello Ars Games, 2015.

LEE, Chengeer. *Eternime: Is there life after death with AI?*. Medium: The Startup, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://medium.com/swlh/eternime-is-there-life-after-death-with-ai-d9bff2a8f257>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MBC. *보도자료 | 너를 만났다 4 | 만나면 좋은 친구*. Disponível em: <https://program.imbc.com/Enews/List/meetyou>. Acesso em: 23 mar. 2025.

OLHAR BUDISTA. *Bardo Thodol: o processo da morte e do pós-morte de acordo com o Livro Tibetano dos Mortos*. 5 mar. 2024. Disponível em: <https://olharbudista.com/2024/03/05/bardo-thodol-o-processo-da-morte-e-do-pos-morte-de-acordo-com-o-livro-tibetano-dos-mortos/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SF CHRONICLE. *Jessica: A simulation of life with artificial intelligence*. 2021. Disponível em: <https://www.sfchronicle.com/projects/2021/jessica-simulation-artificial-intelligence/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

THE CONVERSATION. *Guide to the classics: The Tibetan Book of the Dead*. 22 mar. 2021. Disponível em: <https://theconversation.com/guide-to-the-classics-the-tibetan-book-of-the-dead-172962>. Acesso em: 23 mar. 2025.

URSACHE, Marius. *The Journey to Digital Immortality*. Medium: The Mission, 22 set. 2021. Disponível em: <https://medium.com/the-mission/the-journey-to-digital-immortality-70f8791d4fe>. Acesso em: 23 mar. 2025.

Notas



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

¹ Texto com edição assistida por IA, que inclui alterações feitas para legibilidade, estilo e erros gramaticais ou ortográficos.

² Inserir minibiografia de no máximo cinco linhas de cada autor/a, justificado, espaçamento simples, Fonte Arial. URL do currículo Lattes e/ou ORCID* (com a respectiva URL).

iii Trecho da sinopse disponível em: <https://releasing.dogwoof.com/eternal-you>

iv O Projeto Dezembro é o primeiro sistema do mundo desse tipo. Usando tecnologia com patente pendente, em conjunto com a execução profunda de IA em um dos supercomputadores mais sofisticados do mundo, nós agora pode simular uma conversa baseada em texto com qualquer pessoa. Alguém. Incluindo alguém que não está mais vivo. No original: "Project December is the first system in the world of its kind. Using patent-pending technology, in conjunction with deep AI running on one of the world's most sophisticated super-computers, we can now simulate a text-based conversation with anyone. Anyone. Including someone who is no longer living". - Tradução própria. Texto disponível em Project December: Simulate the Dead (<https://projectdecember.net/>)

v Bringing the dead back to life: South Korean VR documentary 'Meeting You'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7RF44KDzyAc>

vi É possível conhecer a experiência de Joshua mais profundamente através da reportagem de Jason Fagone, no San Francisco Chronicle, em julho de 2021 . He couldn't get over his fiancée's death. So he brought her back as an A.I. chatbot. Disponível em: <https://www.sfchronicle.com/projects/2021/jessica-simulation-artificial-intelligence/>

vii Hollanek, T., Nowaczyk-Basińska, K. Griefbots, Deadbots, Postmortem Avatars: on Responsible Applications of Generative AI in the Digital Afterlife Industry. Philos. Technol. 37, 63 (2024). <https://doi.org/10.1007/s13347-024-00744-w>